

IGREJA ROSÁRIO DOS PRETOS: ANÁLISE DAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS PARA O TURISMO ÉTNICO (AFRO) EM SALVADOR-BA

ROSÁRIO DOS PRETOS CHURCH: ANALYSIS OF THE CULTURAL CONTRIBUTIONS FOR THE ETNIC (AFRO) TOURISM IN SALVADOR-BA

Éricka Amorim

Doutoranda em Geografia e Planeamento Regional e Territorial, Universidade Nova de Lisboa (UNL), Portugal
erickaaa@msn.com

Cyntia Andrade

Doutoranda em Turismo na Universidade de Las Palmas de Gran Canaria, Espanha
cyntiand@gmail.com

Nina Cardona

Mestre em Gestão e Desenvolvimento em Turismo, UA
n_frederico@hotmail.com

Jorge Umbelino

PhD, E-Geo – Centro de Investigação em Geografia e Planamento Regional, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa
jorge.umbelino@fcsh.unl.pt

RESUMO

O legado africano na Bahia e, particularmente na cidade de Salvador, é um fator determinante da sua identidade cultural. A construção da Igreja Rosário dos Pretos é parte importante para se compreender uma história de resistência e imposição da Bahia Colonial. Esse artigo tem como objetivo geral identificar a história da Igreja Rosário dos Pretos, assim como suas contribuições culturais e aportes ao desenvolvimento do turismo étnico (afro) em Salvador. Foram utilizados documentos históricos dos arquivos da própria Igreja ademais de bibliografias referentes ao tema. O turismo étnico, voltado principalmente aos afro-descendentes, pode encontrar em Salvador e nas ruas do seu Centro Histórico uma importante ferramenta de reconstrução de uma identidade.

PALAVRAS-CHAVE

Igreja Rosário dos Pretos, Turismo étnico (afro), Legado Cultural.

ABSTRACT

The African legacy in Bahia, and particularly in the city of Salvador, is a determining factor of the city's cultural identity. The construction of the 'Rosário dos Pretos' Church is an important part to understand a story of resistance and imposition of Colonial Bahia. This article aims to identify the general history of the 'Rosário dos Pretos' Church, and its cultural contributions to the development of ethnic tourism (African) in Salvador. With this goal we used historical documents of the own Church's files as well as bibliographies on the subject. The ethnic tourism, focused mainly on African

descendants, can find in Salvador and in the streets of its Historic Center an important tool for the reconstruction of its identity.

KEYWORDS

'Rosário dos Pretos' Church, Ethnic Tourism (African), Cultural Legacy.

1. INTRODUÇÃO

Num país onde o indígena, o africano e o europeu são responsáveis pela composição étnica da população, a riqueza cultural é símbolo do património e da identidade nacional. Essa mistura caracteriza a singularidade da população brasileira e o imenso poder de desenvolvimento de actividades turísticas relacionadas com o factor cultural. O património material e imaterial herdado dos escravos é parte integrante da cultura brasileira, onde 45% de sua população é considerada afro-descendente.

Das heranças africanas, a Bahia é o estado brasileiro mais representativo da passagem dos negros oriundos de África para a plantação da cana-de-açúcar na época colonial. Palco de uma das mais cruéis histórias da humanidade, o território baiano espelha, em cada canto, uma conexão Brasil-África em sua forma mais genuína. A africanidade está na pele, cores, sabores e adereços de cada esquina baiana, reforçando laços e afirmando uma identidade.

Dos lugares identificados como legados africanos, Salvador e o seu Centro Histórico são uma referência mundial da memória cultural. Salvador foi uma das principais receptoras de escravos, durante o Brasil Colónia, recebendo negros africanos de diversos grupos étnicos, como bantos, sudaneses, nagôs, entre outros, que trouxeram consigo a cultura, língua, tradições, concepções, costumes e religião. A cidade tem hoje cerca de 80% da população com descendência africana e é considerada a cidade de maior influência negra de todo o território brasileiro (BAHIATURSA, 2008).

A Bahia reflecte, nas suas ruas e nos seus contos, o seu passado colonial. A combinação de identidades fundidas é o que hoje se conhece como a essência da cultura baiana. Etnias, cores, costumes, religiões, crenças e gestos fazem a riqueza do legado de um lugar onde se produz cultura diariamente, tornando-se um recurso para o desenvolvimento da actividade turística, actuando de forma combinada com a realidade social, histórica e cultural.

O objectivo geral deste artigo é apresentar a história da Igreja Rosário dos Pretos, com suas particularidades (tradições, costumes e crenças), que se diferencia de tantas outras igrejas de Salvador. Especificamente, busca-se a identificação das distintas contribuições culturais, destacando a importância dessas contribuições na evolução e na formação da Igreja Rosário dos Pretos, assim como sua importância frente ao desenvolvimento do turismo étnico (afro) em Salvador-BA.

A recolha de dados para realização deste trabalho deu-se nos documentos originais da própria Igreja e também em entrevistas, livros, artigos e documentos produzidos por autores que se interessaram em reproduzir a história ou, pelo menos, uma parte dela.

2. A RELIGIÃO E O SINCRETISMO BAIANO

Geertz (1989, p.105) definiu religião como

“Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade, que as disposições e motivações parecem singularmente realistas.”

A religião católica representou uma grande força durante o período da colonização do Brasil. Desde a catequização dos índios até a imposição do Cristianismo aos negros, que o Catolicismo foi forte e dominador, ora impondo, ora justificando atitudes em nome da fé. Prandi (2003, p.2) dizia que

“As religiões afro-brasileiras mais antigas foram formadas no século XIX, quando o catolicismo era a única religião tolerada no País e a fonte básica de legitimidade social. Para se viver no Brasil, mesmo sendo escravo, e principalmente depois, sendo negro livre, era indispensável antes de mais nada ser católico.”

Com o tráfico de escravos, muitos cultos foram deixados em terras africanas e novas formas de expressão religiosa surgiram para reafirmar deuses e crenças. Klein (1986, p.117) relata que “Ogum, como deus da guerra; xangó, deus da justiça; Exu, deus da vingança [...] foram introduzidos na América como deuses de uma classe oprimida [...] os cultos mais importantes foram o candomblé e o vodu.” (tradução nossa). Alguns senhores de escravos chegaram a permitir a prática, desde que não fossem ouvidos os barulhos dos batuques dos atabaques. Algumas vezes, até sob conivência da Igreja Católica, foi permitido aos negros seguirem suas religiões, por medo de revoltas.

Os negros africanos eram adeptos de várias religiões (candomblé, umbanda, vodu, etc.), mesmo porque eram representados por várias etnias. Muitas vezes, para evitar que houvesse rebeliões, os senhores brancos agrupavam os escravos em senzalas, sempre evitando juntar os originários de mesma nação. Por esse motivo, houve uma mistura de povos e costumes. Por fim, todas as suas religiões foram proibidas de serem praticadas durante o Brasil Colonial. Mas os escravos negros não deixaram de praticá-las. Prandi (2003, p.2) relata que

“Desde o início as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, estabelecendo paralelismos entre divindades africanas e santos católicos, adotando o calendário de festas do catolicismo, valorizando a frequência aos ritos e sacramentos da igreja.”

Os interesses económicos muitas vezes superavam os morais e religiosos, mesmo no âmbito da Igreja. Porém, de modo geral, os negros eram obrigados a baptizarem-se na Igreja Católica e seguir seus costumes e, somente desta forma, “salvariam suas almas”. Deviam cultuar os santos católicos, ir às missas aos domingos e seguir os costumes católicos trazidos pelos portugueses. As Igrejas Católicas do Brasil Colonial são marcos dos abusos religiosos aos negros. Nelas, os escravos só podiam ficar nas portas. Iam para rezar para os santos católicos e na verdade rezavam aos seus deuses. Prandi (2003) alimenta que o culto aos orixás misturou-se ao culto a santos católicos ou, como disse Carvalho (2006), que o sincretismo foi uma forma de resistência e de afirmação de uma identidade.

Apesar de, como no resto do Brasil, a religião oficial e seguida pela maioria da população ser a católica, em geral, não há rigor à prática da religião. Os principais actos são realizados (baptismo, primeira comunhão, crisma, casamento e extrema unção), mas nem todos os católicos de baptismo frequentam a Igreja. As pessoas rezam, fazem promessas aos santos e, normalmente, cumprem-nas. Mas os mesmos devotos dos santos católicos também pedem ajuda aos orixás do candomblé.

De acordo com matéria publicada pelo Jornal Folha de São Paulo (2000), “alguns Filhos-de-santo também são católicos”, entrevistados como W. N. afirmavam que: “também sou irmão do Rosário dos

Pretos, então muitos de nós aqui somos do candomblé, mas também católicos”. Essa missa com uma tradição de mais de 200 anos, é uma celebração do Terreiro do Bogum sendo realizada na Igreja e, posteriormente, no Terreiro de candomblé, no bairro da Federação. Campos (1998) relata que, como é comum, hoje em dia, encontrar imagens de santos com nomes dos orixás nos terreiros, assim como a incorporação do atabaque e do berimbau nos festejos católicos. Uma religião não excluiu a outra, fundiram-se uma na outra.

As festas populares, distribuídas por todo o ano, são os maiores exemplos da mistura de crenças. No dia 02 de Fevereiro de cada ano, na Bahia, tanto católicos quanto os adeptos do candomblé reúnem-se para homenagear a Nossa Senhora dos Navegantes (católica) ou Yemanjá (candomblé). Esse festejo tem início no bairro do Rio Vermelho, onde inúmeras embarcações saem ao mar levando “oferendas” à Rainha do Mar. Nestas oferendas, é comum encontrar perfumes, espelhos e demais objectos que agrade a “vaidosa” Yemanjá.

O mesmo ocorre na segunda quinta-feira de Janeiro, na maior festa religiosa da cidade de Salvador, a Festa do Senhor do Bonfim (católico) ou Oxalá (candomblé). Todos de branco (cor de Oxalá), independentes da religião, as mulheres vestidas de baianas (roupas típicas do candomblé), com potes de barro na cabeça, cheios de água-de-cheiro percorrem em procissão (ritual católico) até a Igreja Católica do Senhor do Bonfim, para lavar o altar. Recentemente foi proibida a lavagem do altar, ficando às baianas permitidas, apenas, a lavagem da escadaria da Igreja. Nesta fusão de símbolos religiosos, a Igreja Rosário dos Pretos actua como ponto de cruzamento entre religiões (FELIX, 1995).

Para comemorar a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, é realizada uma missa, seguida de procissão pelo Centro Histórico. Segundo a psicóloga Josélia Habib (JORNAL CORREIO DA BAHIA, 2002), “Turistas, maravilhados, não entendiam a liturgia de resistência contra o flagelo da escravidão, às vésperas do novo milénio. A comunidade agia naturalmente, com suas ‘contas’ do candomblé e os símbolos do catolicismo lado a lado” e, neste contexto, os cânticos da Igreja Rosário dos Pretos, que emocionam o público, são acompanhados de musicalidade inspirada nos terreiros de candomblé.

Depois de séculos de mistura entre as duas religiões, a Igreja Católica resolveu se manifestar. Em 1998, o então arcebispo primaz do Brasil, Dom Lucas Neves afirmou: “Combato o sincretismo. Com a liberdade de crença que existe no Brasil, cada um tem que seguir sua fé, sem misturas”. Em resposta, Dom Gílio, adepto do candomblé responde: “O ódio, a intolerância e a exclusão não podem estar presentes nas relações da Igreja com o culto africano” (CAMPOS, 1998). Souza e Bacelar (1974) concluem que se por um lado a Igreja adulterou as relações africanas dando imãs a obro do sincretismo católico-africano, por outro lado, ajudou na manutenção de valores da cultura africana.

São vários os exemplos que confirmam a existência do sincretismo entre as religiões católicas e o candomblé na Cidade do Salvador e, em especial, na Igreja Rosário dos Pretos. Félix (1995) relata que, em 1940, quando morreu Aninha, a famosa yalorixá do Axé Opô Afonjá, o seu velório foi feito na Igreja, onde também foram realizadas todas as cerimónias do candomblé prescritas para pessoas de sua hierarquia. O autor ainda complementa que mais recentemente, quando foi celebrada na mesma Igreja a Missa do 30º dia da Mãe Menininha do Gantois¹, todo o altar católico estava ornamentado com leques de Oxum² que era o orixá da Mãe de Santo. Tavares (2001) reafirma que em cada candomblé

¹ Mãe Menininha do Gantois - comandante do Terreiro de candomblé Gantois por mais de 64 anos. Manteve as tradições africanas de culto aos orixás e o convívio pacífico do candomblé com a comunidade. (TAVARES, 2001).

² Oxum- do candomblé, orixá das fontes de água e da beleza, dança enfeitado de pulseiras e com movimentos de quem penteia os cabelos (TAVARES, 2001)

existe uma hierarquia, além de espiritual, administrativa e o exercido pela Mãe-de-santo é o direito sobre o pessoal de casa e controle moral e social sobre todos os fiéis.

3. A IGREJA ROSÁRIO DOS PRETOS (IRMANDADE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS)

A Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos era uma irmandade religiosa iniciada no período colonial que mantinha uma relação entre os escravos, tanto no que se refere à própria religião, quanto às relações sociais e culturais. As principais actividades ligadas a esta associação e disponíveis aos seus integrantes eram financeiras, sociais, hospitalares, educacionais e funerárias.

O catolicismo, para os negros da irmandade, representava uma actividade social e não religiosa, como era esperado pelos seus senhores. Participar da Irmandade era um dos raros canais de ascensão social durante o período de escravidão. Através da Irmandade, um escravo poderia adquirir valorização profissional e qualificação social.

A devoção ao Rosário foi uma prática mais comum entre os negros. Inicialmente os escravizados, depois os cativos e forros. A Irmandade teve sua primeira sede no início de 1685 e funcionou na antiga Igreja da Sé ou Santa Sé Catedral da Bahia. Em 1696, recebeu um terreno para a construção da Igreja, como doação de D. Pedro II. Este terreno era o local onde existia um barracão, que servia para reuniões diárias de negros.

A Igreja Rosário dos Pretos foi toda construída com trabalho dos negros cativos e forros. Eles quebravam pedra, carregavam madeira e vendiam seu trabalho para ganhar recursos para sua construção. Segundo Manuel Galvão, prior da Ordem, a edificação “foi feita com sangue, que não tinham um lugar para se recolher e rezar vinha do Pelourinho, depois da hora do Senhor, depois daquele trabalho todo, e trabalhavam na obra” (Jornal da Bahia, 26 de Outubro de 1975, pág. 3). Os negros escravizados trabalhavam durante a noite, único período disponível. Os forros contribuíam tanto com o trabalho quanto com os recursos financeiros.

Em 1724, foi efectuada a posse oficial do edifício. Neste período surgiram conflitos de interesses entre a Irmandade do Passo e do Rosário dos Pretos, pois a primeira desejava apropriar-se do templo construído pelos negros (FÉLIX, 1995). Dois anos mais tarde, em 1726, foi confirmada por D. João V a aprovação e reconhecimento da Igreja.

Somente em 10 de Outubro de 1781, a Irmandade pediu protecção real para a sua aprovação da Irmandade ao Tribunal da Mesa da Consciência e Ordem da Corte e Cidade de Lisboa. Também neste ano (1781), a confraria da Igreja foi concluída pelo mestre-de-obras Caetano José da Costa, apresentando acabamento em rococó, que ostentam torres com coruchéus chamegantes, características das igrejas construídas entre 1726-1820, pela nova apresentação da maneira de usar as linhas ondulantes (Inventário de Bens Móveis e Integrados da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, IPAC: 1989).

Em 1872, a Irmandade estabeleceu oficialmente os seus compromissos junto aos seus associados. Sua principal finalidade era recolher donativos, jóias e esmolas para festejar e louvar a Virgem Nossa Senhora do Rosário. Poderia ser apresentado como irmão “toda pessoa que professar a Santa religião Católica, que tenha bons costumes e reconhecido gozo de perfeita saúde, mediante proposta de algum mesário, sujeita à aprovação ou reprovação da maioria da mesa” (Arquivo da Igreja cap. 2, artigo 3).

Apesar de estas descrições não apresentarem objecções à cor dos membros, existia outra cláusula que impedia a associação de membros que não fossem negros. E, ainda hoje, a Directoria da Irmandade só pode ser composta por negros. Manuel Galvão, membro da Irmandade, diz que “... não existe segregação racial dentro da Ordem: ela foi criada pelos Pretos para eles mesmos, porque não podiam entrar em nenhuma outra (Igreja)”. (Jornal da Bahia, 26 de Outubro de 1975, pág. 3).

Era exigido dos seus seguidores, num português bastante colonial,

“obrigação Christa que deve ter cada hum Irmão desta Santa Irmandade, cuidará muito em ser devoto da Virgem Santíssima, rezando todos os dias a seo Rosário, confessando-se, e commungando todos os mezes na Capella da mesma Senhora, principalmente em o dia da sua festividade, e nos de qualquer Invocação da Puríssima Virgem Nossa Senhora. Assistirão em todos os Sábados a Ladainha, e nos Domingos os Terços, trazendo sempre bem ajustada à vida, exercitando-se nos Santos Costumes Cathólicos que se recitarem na ditta Capella, cumprindo com os Preceitos Divinos para que tenham o amparo e a proteção da Virgem Senhora, e cazo haja algum Irmão que falte a estes justos e pios deveres (o que de nenhum se espera) e passe a escandalozo e perverso, será chamado pela Meza e o Reverendo Capellão o advertirá Christamente.” (Arquivo da Igreja, cap.2, artigo 5).

No próprio arquivo da Igreja consta que para se tornar irmão era necessário apresentar, em até 30 dias, uma jóia de \$15000, um termo de admissão e declaração de nome, nacionalidade, cidade, estado, cor, idade e residência. A partir de 1920, a Irmandade tornou-se Ordem do Rosário, cujas tradições são ligadas à Igreja Católica Romana.

Em 1949, o compromisso da Ordem foi aprovado pelo então arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, D. Augusto Álvaro da Silva: “À venerável Ordem 3ª do Rosário da Nossa Senhora às Portas do Carmo, ereta canonicamente na capital do estado da Bahia, ao Pelourinho, é uma associação religiosa de pessoas católicas de ambos os sexos, de cor preta, de exemplar procedimento e honesto meio de subsistência que pratiquem como bons cristãos os mandamentos de Deus e da Igreja”.

A festa a Nossa Senhora do Rosário é realizada até hoje no 2º domingo do mês de Outubro. A festa era compreendida de missa cantada, sermão e sacramento. Precedendo, ocorriam nove tardes sucessivas de novenas. A procissão devia sair da Igreja Rosário dos Pretos e seguir até as Portas de São Bento. Segundo Luiz Viana (1946), ainda em 1786, requeria os pretos devotos de Nossa Senhora do Rosário que lhes fosse dada à licença para realizarem durante três ou oito dias de festas mascaradas com danças e cantos no idioma Angola.

4. ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS

À formação católica imposta ao Brasil colonial foram incorporados elementos das crenças dos índios e negros, sendo reinterpretada e recriada diariamente. Segundo Souza e Bacelar (1974), “no Brasil, país de formação social acentuadamente católica, verificou-se, através da religião, profunda confraternização de valores e sentimentos. O catolicismo que vingou entre nós perderia muito de sua rigidez, de seu clericalismo, de sua ortodoxia, permitindo incorporação de elementos das crenças dos negros e índios ou sua reinterpretação em termos da relação do grupo dominante”.

A cultura negra influenciou a religião católica no que se refere às suas tradições na Igreja Rosário dos Pretos. Apesar de negado, esse facto confirma-se no dia-a-dia da Igreja, nos seus festejos, missas e demais actividades. Souza e Bacelar (1974) diziam que, para manter o legado cultural africano, os negros tiveram de simular-se sob o manto da religião oficial.

A Nossa Senhora do Rosário, a santa branca de maior devoção dos negros, é a orixá Ifá. Diz à tradição que ela consulta o destino atirando, soltas ou unidas em rosário, as nozes de uma palmeira, a Okpê-lifa. Os africanos procuraram na hierarquia existente as figuras dos santos que mais se identificavam pela cor ou outra particularidade qualquer, mais aproximável dos símbolos de sua cultura (Souza e Barcelar, 1974).

A construção da Igreja foi iniciada em 1704 e desenvolvida ao longo do século XVIII, pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos no Pelourinho. Foi uma das primeiras Confrarias de negros criadas no Brasil. A sua fachada possui elementos de composição rococó (estilo trazido ao Brasil pelos portugueses) e as terminações das torres bulbosas, são revestidas de azulejos portugueses. Trata-se de uma Igreja tipicamente católica, tanto na sua estrutura física quanto nos seus costumes e tradições. Porém, alguns aspectos da Cultura Negra foram incorporados, devido ao seu passado histórico.

As igrejas de Salvador possuem variedade de estilos, indo desde o barroco ao neoclássico. Foram construídas com os mais diversos materiais desde a pedra lioz até o ouro. Algumas conservam ainda painéis e tetos pintados a óleo, azulejos vindos de Portugal, imagens sacras que são verdadeiras obras de arte³.

5. TURISMO ÉTNICO (AFRO) EM SALVADOR-BA

Seguindo as exigências do mercado e a busca por novas experiências por grande parte dos turistas, a segmentação do turismo é inevitável para atender essa procura emergente. Buscar o autêntico em experiências satisfatórias é praticar o turismo de uma forma diferente (Santana Talavera, 2003).

O Ministério do Turismo do Brasil (2005) relaciona o turismo étnico com as actividades turísticas que possuam contacto directo com a identidade de grupos étnicos, como as comunidades indígenas e quilombolas, sinalizando a vivencia de experiências. Barreto (2005) define o turismo étnico como “una forma particular del turismo cultural es el turismo étnico, donde el atractivo principal es la forma de vida de determinados grupos humanos, diferenciados por raza, religión, región de procedencia y otras características comunes”. Com base nestes conceitos, o turismo étnico pode permitir uma relação vivencial, uma imersão num grupo cultural, resultando numa experiência de vida promovida por meio da actividade turística, onde as motivações para praticar o turismo étnico são basicamente culturais.

Considerada a cidade mais negra do mundo fora da África, com cerca de 80% da sua população reconhecida como afro-descendente⁴, e neste contexto Pinho (2004) relata-nos que

“A majoritária população negra da Bahia contribuiu para que viajantes e exploradores que visitaram a cidade durante os séculos XVIII e XIX a descrevessem como uma cidade negra, apelidando-a de “nova Guiné” e “Negrolândia” (VERGER, 1999). Mais tarde, a Bahia recebeu ainda os títulos de “Roma Negra” e “Meca da Negritude”, designações que apontam para sua condição central na rede de circulação de povos e símbolos negros. “Roma Negra” e “Meca da Negritude” são termos que enfatizam claramente o caráter da Bahia como uma cidade-mundial, primeiro porque destaca sua centralidade no Atlântico Negro – que (...) é um sistema que permite a existência de muitos centros em sua configuração diaspórica – e, em segundo lugar, porque caracteriza a Bahia como um ponto de convergência, contato e peregrinação.”

³Disponível em: <http://www.saltur.salvador.ba.gov.br>, contacto efetuado em 26 de junho de 2009.

⁴Disponível em: http://www.bahia.com.br/motix/pt_br/segmentos/segmentos/Turismo-Etnico-afro,0d7bc5da-d18a-464f-a10e-ae5819ce2f5f.html, contato efetuado em 26 de junho de 2009.

Salvador vem descortinando sua cultura como recurso para o turismo étnico, principalmente direccionado ao tema da africanidade, como vem sendo chamado, “turismo étnico-afro”, motivado pela crescente procura do afro-americano.

Em seus estudos, Queiroz (2008) aponta três momentos históricos considerados importantes para o desenvolvimento do turismo étnico (afro) na Bahia: de 1970 à 1995, quando iniciativas individuais de agentes norte-americanos incluem a Bahia na rota dos destinos de herança africana na diáspora, realizando parcerias directas com agentes locais; de 2004 à 2006, quando a Secretaria de Cultura e Turismo do Estado insere o Turismo Étnico nas estratégias governamentais de segmentação turística; com a Missão Avocet, oficializa a entrada desse destino na rota do turismo étnico internacional; e em 2007, quando o governo da Bahia separa a Cultura do Turismo em Secretarias distintas; prospecta mercados internacionais; cria uma coordenação para o agora denominado “turismo étnico-afro” e recebe apoio financeiro do Ministério do Turismo para implementação do programa para este segmento.

A África reconhece-se na Bahia e Salvador possui elementos culturais de raízes africanas que fomentam o turismo étnico-afro na cidade. O Centro Histórico do Pelourinho, símbolo da presença dos negros africanos, ainda mantém um elo representativo com o seu passado. Para além do património cultural material, o valor intangível da herança negra manifesta-se na música, religião, vestimentas, costumes e gastronomia, entre tantas outras representações visíveis na vida quotidiana do baiano.

O desenvolvimento desse segmento turístico na Bahia e no Brasil em geral, ainda é considerado recente, com um vasto campo para explorar. A recuperação da memória oral e dos lugares de memória relacionados a essa história mundial é ponto de partida para incrementar a busca por raízes culturais. Existe um mercado aberto e a Bahia é ponto de parada obrigatório desse roteiro turístico; e a Igreja Rosário dos Pretos no Pelourinho é um atractivo singular que deve abrir as “portas do retorno” para a história dos afro-descendentes.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja Rosário dos Pretos ocupa um espaço no Pelourinho, Centro Histórico de Salvador, no estado da Bahia, Brasil, que foi recuperado no início dos anos noventa e constitui um Património Histórico e Cultural de extrema importância. As casas, prédios e inúmeras igrejas possuem muitas histórias guardadas, muitas tão surpreendentes quanto a própria história da Igreja Rosário dos Pretos.

Em tempos de constantes conflitos religiosos e uso de violência em nome da fé em todo o mundo, muitos dos frequentadores da Igreja ora são católicos, ora adeptos do candomblé, um conflito que nem mesmo existe dentro deles. É quando o sincretismo religioso se enraíza e faz parte da cultura baiana, enriquecendo-a.

As contribuições culturais e certo nível de tolerância entre as religiões possibilitaram a convivência pacífica entre elas. As contribuições religiosas, com também de costumes, tradições tanto dos negros, quanto dos portugueses, foram fundamentais. Através delas, a Igreja Rosário dos Pretos constitui um símbolo incomum e singular.

Num mundo globalizado, onde os destinos cada vez mais se assemelham, essa particularidade da cultura baiana pode e deve ser usada como diferencial turístico. Desta forma, O turismo étnico (afro) em Salvador vem sendo impulsionado pela BAHIATURSA e apoiado pelo Ministério do Turismo,

como forma de representação e leitura da identidade da cultura baiana. Há uma necessidade de identificar os lugares de memórias relacionadas à história da escravidão na Bahia e todo o legado cultural existente. Salvador e o recôncavo são o ponto de partida, mas existe uma lacuna no que se refere a pesquisas de recuperação da memória oral e do património cultural nos lugares fora desse eixo já bem representado.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, J. (1993), *Os Brasileiros - Emigração e Retorno no Porto Oitocentista*, Dissertação de Doutorado, Faculdade de Letras, Porto.

BAHIATURSA - EMPRESA DE TURISMO DA BAHIA, *Turismo étnico (afro) – roteiros*, http://www.bahia.com.br/motix/pt_br/segmentos/segmentos/Turismo-Etnico-afro,0d7bc5da-d18a-464f-a10e-ae5819ee2f5f.html, acessado 12.12.2010.

BARRETO, M. (2005), “Turismo étnico y tradiciones inventadas”, in SANTANA TALAVERA, A., PRATS CANALS, L., (coordinadores) *El encuentro del turismo con el patrimonio cultural: concepciones teóricas y modelos de aplicación*. Sevilla, Fundación el Monte/Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español/Asociación Andaluza de Antropología.

CAMARGO, J. (1998), *Cultura Negra - Missa do Bogum*, Folha de São Paulo.

CAMPOS, C. (1998), *Missa Sem Tambor*, Edição 1553, Revista Veja, 1998, 102-103.

CARVALHO, A. (2006), *O conceito de religião popular e as religiões afro-brasileiras: cultura, sincretismo, resistência e singularidade*. Cadernos de Ciências Humanas - Especiaria, v. 9, n.15, jan./jun., 181-198.

ESPÍRITO SANTO, M. (1990), *A Religião Popular Portuguesa*, Cooperativa editora e livreira (CRL), 2ª ed., Lisboa.

FÉLIX, A. (1995), *Pelo Pelourinho*, Ed. EGBA, Salvador, Bahia.

FREIRE, G. (2006), *Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*, 51 ed., Global, São Paulo, 2006.

FINLEY, C. (2001), *Common-Place - The Door of (No) Return*, vol. 1, nº, 4, July 2001, www.common-place.org.

GEERTZ, C. (1889), *A interpretação das culturas*, Guanabara Koogan, Rio de Janeiro.

HOLANDA, S. B. (1993), *História Geral da Civilização Brasileira I - A Época Colonial*, Ed. Bertrand, 7ª ed., 51-65.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE (1986), *Censo Demográfico 2000: Características da População e dos Domicílios: Resultados do universo*, <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default.shtm>, acessado 20.01.2011.

KLEIN H., *La esclavitud africana en América latina y el Caribe*, Version española de graciela sánchez alborno, Ed., Alinaza, Madrid.

LOTMAN, Y. (1996), *La Semiosfera I - Semiótica de la Cultura*.

MINISTERIO DO TURISMO DO BRASIL (2005), *Cartilha de segmentação*.

PEREIRA, D. S. (2000), *A Vivência Religiosa dos Povos*.

PINHO. P. S. (2008), “African-american roots tourism in Brazil”, *Latin american perspectives*, issue 160, vol. 35 no. 3, 70-86, <http://lap.sagepub.com/cgi/content/abstract/35/3/70>, acessado 14.06.2011.

PRANDI. R. (2003), “As religiões afro-brasileiras e seus seguidores”, *Civitas – Revista de Ciências Sociais*, v. 3, nº 1, jun.

QUEIROZ, M. M. A. (2008), *Turismo de raízes na Bahia: Um estudo sobre a dinâmica do Turismo Étnico (Afro) na Bahia: os casos do Pelourinho / Salvador e da Festa da Boa Morte / Cachoeira Salvador*, Dissertação de Mestrado, Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Faculdade de Comunicação - Universidade Federal da Bahia.

SANTANA TALAVERA A. (2003), *Turismo cultural, culturas turísticas*, Universidad de la laguna, España, Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, 31-57.

SOUZA, M^a. C. B., & BACELAR, J. A. (1974), *O Rosário dos Pretos do Pelourinho*, Salvador - Bahia, IPAC, Mimeo, 17-19.

TAVARES, L. H. D. (2001), *História da Bahia*, Ed. UNESP, 10^a ed., Salvador, Bahia, 53-67.

VIANA FILHO, L. (1946), *O Negro na Bahia*, Prefácio de Gilberto Freyre, Ed. José Olímpio, Rio de Janeiro.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Documentos Originais do Arquivo da Igreja Rosário dos Pretos.

Compromisso da Irmandade (1820) - *Documento Original*, Salvador, Bahia.